

## CONSUMOS DE DROGAS EM ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO MINHO: CONSTRUÇÕES DE SIGNIFICADOS

CARLA FONTE\*  
CELINA MANITA\*\*

**RESUMO:** O presente artigo resulta de um trabalho de investigação mais amplo, sobre consumos de álcool e drogas ilícitas na população estudantil da Universidade do Minho, que integra dois estudos empíricos: **1-** caracterização dos padrões, incidência e prevalência de consumo de álcool e outras drogas nesta população; **2-** estudo dos significados e sentidos, narrativamente construídos e organizados, associados por estes estudantes aos consumos de droga. Neste texto, apenas será apresentado de forma detalhada o segundo estudo, na sequência de uma breve referência a alguns dos resultados obtidos no primeiro estudo, realizado através da aplicação de uma versão adaptada do questionário de avaliação dos consumos de álcool e drogas de J. Negreiros (2001). Quanto ao segundo estudo, foram recolhidas através de entrevistas em profundidade e analisadas de acordo com a *grounded analysis*, narrativas pessoais significativas de sujeitos de três grupos: consumidores de haxixe e ecstasy, experimentadores de haxixe, e não consumidores. Os resultados indicam, por um lado, a existência de significados associados à droga e aos usos de drogas comuns aos sujeitos dos três grupos, remetendo para uma partilha de dimensões integrantes do discurso sócio-cultural vigente e, por outro lado, a construção de significados pessoais diversos, em algumas áreas do *fenómeno droga*, interpretáveis à luz da experiência individual de consumos e da trajetória de vida.

**RÉSUMÉ:** Cet article est le résultat d'un travail d'investigation plus ample sur la consommation d'alcool et de drogues illicites dans la population d'étudiants de l'Université de Minho, et qui comprend deux études empiriques: **1-** définition des tendances, incidence et prévalence de la consommation d'alcool et d'autres drogues dans cette population; **2-** étude des significations et des sens, construits et organisés en forme de narration, et que les étudiants associent à la consommation de drogues. Dans ce texte, seulement le deuxième étude sera présenté en détail, après une brève référence aux résultats obtenus dans la première étude, en

utilisant une version adaptée d'un questionnaire pour l'évaluation de la consommation d'alcool et de drogues appartenant à J. Negreiros (2001). La deuxième étude a réuni, par le moyen d'interviews très exactes et analysées en accord avec un *grounded analysis*, des récits personnels importants de sujets appartenant aux trois groupes suivants: consommateurs de hachich et ecstasy, consommateurs occasionnels de hachich et non consommateurs. Les résultats montrent, d'un côté, l'existence de significations associées à la drogue et aux usages de drogues communs aux trois groupes, que réfèrent un partage du discours socio-culturel actuel et, pour l'autre côté, la construction des significations personnelles diverses, en certains domaines du *phénomène de la drogue*, que peuvent être interprétés d'accord avec l'expérience individuelle de consommation et le parcours de vie.

**ABSTRACT:** This article is the result of a broader research work about alcohol and illicit drug abuse among the students of Minho University, and it includes two empirical studies: **1-** the characterization of patterns, incidence and prevalence of the consumption of alcohol and other drugs among this population; **2-** study of the meanings and feelings, structured and organized in a descriptive way, which the students associate to drug use and abuse. Only the second study will be presented in this text in a detailed way, after a brief reference to some results obtained in the first study, by applying an adapted version of the evaluation questionnaire about alcohol and drug abuse of J. Negreiros (2001).

In the second study, the significant personal descriptions of the individuals belonging to the three groups – hashish and ecstasy users, occasional hashish users and non users – were collected in thorough interviews and were analysed according to a *grounded analysis*. The results show, on one hand, the existence of meanings associated to drugs and to drug use common to the three groups, which refer to the share of the integrating parts of the current social-cultural speech, and, on the other hand, the building up of several personal meanings in some areas of the *drug phenomenon*, that can be interpreted according to personal consumption experiences and to the life trajectory.

## INTRODUÇÃO

O consumo de drogas tem constituído, nas últimas décadas, em Portugal como nos restantes países ocidentais, um tema social complexo, alvo privilegiado de curiosidade e de preocupação social, política e científica. Existem ainda, contudo, áreas de investigação sobre o fenómeno fortemente lacunares.

No contexto nacional, são ainda escassos os estudos científicos que analisam o consumo de drogas na população universitária. Importa, assim, desenvolver investigação que aprofunde o conhecimento sobre este fenómeno, não só ao nível da caracterização desses consumos, como também ao nível do estudo das significações e dos sentidos de que estes comportamentos se revestem para os consumidores.

Desenvolveu-se, nesse sentido, uma investigação sobre os consumos de álcool e drogas ilícitas na população estudantil da Universidade do Minho<sup>(1)</sup>, recorrendo a uma metodologia compósita, quantitativa e qualitativa, que pudesse ajudar a produzir uma leitura e compreensão mais abrangente deste fenómeno.

Na sequência de uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema, realizaram-se dois estudos empíricos. No primeiro, procedeu-se à caracterização dos padrões de consumo de álcool e outras drogas em estudantes da Universidade do Minho (UM). No segundo, e com base numa abordagem narrativa do fenómeno, procurou-se aceder à organização de significados e sentidos construídos em torno do fenómeno droga por estudantes com diferentes experiências e trajectórias de consumo. Procurou-se, também, perceber os principais componentes do discurso produzido pelos estudantes relativamente às drogas.

Serão os resultados deste segundo estudo os que serão apresentados de forma mais pormenorizada neste texto, muito embora sejam referidos alguns dos dados obtidos através do questionário usado no primeiro estudo<sup>(2)</sup>, dados que sustentaram algumas das opções metodológicas no estudo das narrativas, designadamente os tipos de consumidores a entrevistar. Como mais à frente será especificado, foram constituídos três subgrupos de estudantes em função dos padrões de consumo que se verificaram ser os mais frequentes nesta população:

consumidores de haxixe e de ecstasy; estudantes que experimentaram, algures no seu percurso, o consumo destas substâncias mas não passaram dessa experimentação episódica; e estudantes não consumidores de drogas. Para a caracterização dos padrões, incidência e prevalência de consumos de álcool e drogas ilícitas em estudantes da Universidade do Minho recorreu-se a um questionário da autoria de J. Negreiros (2001)<sup>(3)</sup>, utilizado já em diferentes estudos nacionais e que permitiria a comparação dos resultados obtidos nesta população com os que foram obtidos junto de outras populações, estudantis ou não. Para melhor se adequar aos objectivos e características da população estudada foram introduzidas, com autorização do autor, algumas alterações que não afectavam as qualidades e características centrais do instrumento.

Este questionário foi preenchido por um total de 404 sujeitos, que constituem uma amostra aleatória estratificada representativa dos estudantes que se encontram a frequentar o 4º ano nas diferentes licenciaturas da UM<sup>(4)</sup>. Constatou-se que os consumos mais frequentes nesta população são, efectivamente, os de álcool e os de tranquilizantes (com e sem prescrição médica), sendo que a maioria dos estudantes afirmou nunca ter consumido drogas ilícitas. No grupo dos que consomem, destacam-se particularmente os consumos de marijuana/haxixe, e, embora em menor percentagem, os de ecstasy e de cogumelos.

A maioria dos estudantes iniciou o seu consumo com os amigos, alguns no ensino secundário e outros já após entrada na Universidade, sendo os contextos de maior consumo os bares e discotecas, as festas particulares e as festas académicas. São os indivíduos do sexo masculino os que mencionam ter ficado mais vezes embriagados, bem como ter consumido mais frequentemente marijuana/haxixe, aspecto que é consonante com os dados de outros estudos, nacionais e internacionais.

Para conhecer de forma mais completa e englobante os consumos ilícitos identificados nesta população, realizaram-se entrevistas aprofundadas junto de consumidores de haxixe e ecstasy, de forma a recolher narrativas que nos permitissem aceder aos significados atribuídos aos usos destas drogas e, globalmente, ao fenómeno da toxicod dependência.

## UM ESTUDO DE NARRATIVAS SOBRE O CONSUMO DE HAXIXE E ECSTASY

Como referimos já anteriormente, interessava-nos, para além da caracterização dos padrões de consumo de álcool e drogas em estudantes da Universidade do Minho, compreender em profundidade e proximidade esses consumos, particularmente as significações construídas em torno da experiência de consumo, partindo de um enquadramento teórico inspirado pelas abordagens narrativas e processuais e da premissa central de que os seres humanos agem com base nos significados que constroem.

Efectivamente, diferentes autores têm vindo a defender que a maioria dos nossos processos psicológicos complexos (perceptivos, cognitivos, emocionais, interpessoais, ...) se organizam e operam de forma narrativa (Sarbin, 1986; Bruner, 1986; Polkinghorne, 1988; Gergen e Gergen, 1986; Agra, 1990). Estes autores destacam que os significados e sentidos desempenham um importante papel no funcionamento e comportamento do ser humano, pelo que, identificar e compreender estes processos de construção de significados é, também, compreender o ser humano e a sua acção ou, pelo menos, uma parte fundamental desta.

Sendo a toxicodependência uma acção humana complexa, a sua mais aprofundada compreensão deverá passar, também, pela compreensão dos processos centrais associados à construção e organização narrativa de significados e sentidos, articulados com os seus estilos e projectos de vida e, concomitantemente, com os seus universos de referência e universos concorrentes.

Ao ajudarem a compreender estes processos, as teorias narrativas e da significação, poderão, então, proporcionar um importante alargamento no conhecimento do fenómeno dos usos de drogas e das toxicodependências (Agra, 1986, 1990, 1991; Agra e Fernandes, 1993; Agra e Matos, 1996; Manita, Negreiros e Agra, 1996; Manita, 1998, 2000, 2001). Compreender o significado que o consumidor atribui aos usos de uma dada substância implica o recurso a uma metodologia de natureza qualitativa, enraizada na fenomenologia e na hermenêutica, investigação qualitativa que tem recuperado, para lugar central nos estudos sobre a acção humana, os tópicos do discurso e do significado,

bem como a experiência individual, ou a *dramática do quotidiano* de que já falava Politzer.

As metodologias qualitativas constituem uma ferramenta imprescindível para o trabalho no domínio da significação da experiência humana (Fernandes, 2001), apresentando-se como um modelo alternativo de investigação<sup>(5)</sup>. A *grounded theory* (Glaser e Strauss, 1967; Fernandes, 2001) serviu de quadro de referência epistemo-metodológico no desenvolvimento deste estudo.

Esta metodologia consiste, genericamente, num conjunto de procedimentos qualitativos, com um propósito privilegiado de contribuir para o desenvolvimento de conhecimento teórico. É uma metodologia baseada no estudo próximo dos dados da investigação que se apresentam, inicialmente, mal estruturados (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988), revelando-se um tipo de metodologia "atractivo para quem prefere mergulhar nos dados antes de se lançar para a teoria" (Rennie, 1998, cit. in Fernandes, 2001, p. 209). Ou seja, trata-se de "uma metodologia geral para desenvolver teoria, que está enraizada nos dados sistematicamente recolhidos e analisados. A teoria evolui durante a própria investigação e isso ocorre através da relação dinâmica e contínua entre análise e recolha de dados" (Strauss & Corbin, 1994, p.273). Assim, e em alternativa à abordagem hipotético-dedutiva, em que a investigação se deve orientar para a verificação de hipóteses previamente formuladas (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988), o investigador orientado para a descoberta formula questões que lhe permitem definir o âmbito e o foco da sua investigação, mas que permanecem susceptíveis de reformulação à medida que a própria pesquisa vai evoluindo. Trata-se, então, de um tipo de pesquisa mais exploratória, seguindo um procedimento de tipo indutivo. Não se parte de hipóteses prévias, mas antes, da familiarização com uma situação ou fenómeno, a descrição e análise do mesmo, fazendo emergir hipóteses à medida que o labor investigativo avança.

Um conjunto de questões orientou o desenvolvimento inicial do nosso estudo, a selecção dos participantes e a análise dos dados. De uma forma sintética, destacam-se os seguintes objectivos:

(1) Conhecer, em termos gerais a trajectória de vida de cada estudante, procurando compreender como é que

estas trajectórias de vida se articulam com dimensões de significação e sentido associadas aos consumos de drogas; (2) analisar narrativas e processos de construção de significados relativos ao fenómeno droga e perceber de que modo estes significados individuais se articulam com os consumos (haxixe e ecstasy);

(3) identificar os conteúdos do “discurso social” sobre as drogas produzido por estudantes universitários. Verificar, neste “discurso social” sobre as drogas, quais pontos de comunhão entre estudantes com diferentes experiências de uso de drogas e/ou quais os diferentes registos discursivos. Por último, analisar de que forma este “discurso social” se articula com o acto de consumir haxixe e ecstasy, situando-o no contexto das experiências e das trajectórias de vida de cada sujeito.

A selecção dos participantes, num estudo qualitativo com as características do presente, pretende-se intencionalizada, sendo os participantes seleccionados em função da informação que podem fornecer sobre o fenómeno em estudo. Desta forma, não se pretende que a amostra seja representativa de uma população, mas sim da experiência ou conhecimento a que o estudo procura aceder (Morse, 1994). Glaser e Strauss (1967) designaram este método alternativo de amostragem de “amostragem teórica”. A amostragem deixa de ser realizada a partir de um critério externo (representatividade) e passa a ser feita de acordo com critérios internos ao estudo, designadamente a oportunidade de aprendizagem representada por cada participante (Morse, 1994).

Numa primeira fase, os participantes escolhidos deverão ser aquilo que Morse (1994) designa por “peritos experienciais” no fenómeno – aqueles que possuem sobre ele um conhecimento particular e aprofundado e que podem maximizar a informação que pretendemos recolher. Estes são, no presente estudo, estudantes universitários consumidores de haxixe e de ecstasy<sup>(6)</sup>.

A segunda fase da “amostragem teórica”, consiste na identificação da variabilidade, isto é, na selecção deliberada de participantes que nos permitem aceder à heterogeneidade da experiência investigada (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Os autores sugerem duas estratégias: a selecção de grupos contrastantes e a procura

activa de casos negativos. Neste estudo utilizou-se apenas a primeira estratégia. Esta, traduz-se numa complexificação do processo de análise dos dados pela introdução de um ou mais grupos de comparação, divergentes em relação ao primeiro que foi identificado.

Deste modo, foram seleccionados dois grupos contrastantes: um, no pólo oposto do grupo inicial (de consumidores), era constituído por sujeitos que se caracterizavam por serem não consumidores; o segundo, situado numa posição intermédia destes dois grupos, foi constituído por sujeitos que afirmaram ter experimentado apenas uma a duas vezes haxixe, não dando continuidade aos consumos<sup>(7)</sup>.

Para a concretização dos objectivos da nossa investigação – a compreensão em profundidade de significados associados ao consumo de drogas em estudantes da Universidade do Minho –, optou-se por recorrer à entrevista qualitativa, em profundidade (Olabuénaga, 1996), como instrumento de recolha de dados.

As entrevistas foram realizadas a grupo de 11 estudantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 19 e os 23 anos. Seis sujeitos da amostra são consumidores de drogas (marijuana, haxixe ou ecstasy); dois sujeitos apenas experimentaram (haxixe) e três sujeitos nunca consumiram qualquer tipo de substância ilícita

Após registo e transcrição integral dos conteúdos expressos por cada sujeito, procedeu-se a uma análise do seu conteúdo, através de uma estratégia sistemática de codificação, seguindo as sugestões de diferentes autores (Strauss e Corbin, 1990; Huberman e Miles, 1994; Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Na *grounded theory* todas as categorias são construídas a partir dos dados, sendo estas mesmas categorias progressivamente definidas e alteradas ao longo do trabalho de codificação, até ao último entrevistado a analisar.

De acordo com esta abordagem indutiva, as primeiras categorias emergentes dos dados são de natureza descritiva, muito próximas da linguagem usada pelos sujeitos (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988). Contudo, à medida que a análise avança, surgem as categorias mais conceptuais ou interpretativas (Strauss e Corbin, 1990).

De acordo com Glaser e Strauss (1967), estes diferentes tipos de categorias deverão ser progressivamente

estruturadas numa rede hierárquica. Neste processo de categorização, o investigador procura “integrar o particular no geral e anda para trás e para a frente entre os dados brutos e as categorias mais genéricas” (Huberman e Miles, 1994, p.432). Um outro aspecto a realçar na *grounded analysis* é que, ao contrário da análise de conteúdo tradicional, cada unidade de análise é atribuída a tantas categorias quanto possível” (Rennie, Phillips e Quartaro, 1988).

## SIGNIFICADOS E SENTIDOS ATRIBUÍDOS AOS USOS DE HAXIXE E ECSTASY POR ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO MINHO

Ao longo da investigação procurámos dar resposta a algumas questões como: existirá um discurso dominante sobre a droga nos estudantes universitários do Minho? Será que a experiência de consumo permite a construção de uma posição de significação diferente perante o fenómeno? Será a trajectória existencial um determinante na construção de significados distintos? Se sim, de que forma?

Para ir procurando respostas a estas questões, fomos procedendo à análise das percepções, representações e significados apresentados pelos sujeitos relativamente ao tema droga. À medida que avançávamos nesta análise íamos constatando a existência de experiências múltiplas, algumas vezes associadas a leituras fenómeno e a significações similares, outras vezes, dando origem a construções individualizadas de sentido.

Assim, e numa primeira fase, procurou-se identificar aquilo que de mais contrastante existia no discurso dos grupos de estudantes considerados, procurando perceber que processos poderiam estar na base dos significados que distinguem um grupo do outro, e, numa segunda fase, procedeu-se à análise dos pontos comuns aos diferentes estudantes.

Esta análise ordenou-se em dois grandes eixos: (I) o que designamos por *discurso individual*, centrado no que os sujeitos disseram acerca do seu contacto com a droga, e organizado em cinco grandes categorias centrais (cada uma com diferentes subcategorias que não especificaremos aqui): *primeira experiência de consumo*; *consumo actual*; *sensações proporcionadas pelos consumos*; *transformações no consumo*; *acesso às drogas ilícitas*; e (II) o que designamos *discurso social* dos sujeitos relativamente ao

fenómeno droga, organizado em torno das categorias: *percepção das consequências e riscos das drogas*; *droga(s) e dependência(s)*; *droga(s) e “os outros”*; *droga e sociedade*.

Por limitações de espaço, apresentamos apenas alguns dos resultados relativos a algumas destas áreas do discurso e da organização narrativa dos significados e sentidos associados ao uso de drogas no grupo de consumidores.

Compreender a experiência destes sujeitos, relativamente aos consumos, implicou, entre outros aspectos, conhecermos a sua percepção relativamente à sua primeira experiência de consumo e ao seu consumo actual, e, também, outros aspectos diversos narrados pelos sujeitos, que passamos a apresentar e interpretar.

### *Experiência com a droga (discurso individual)*

#### *Primeira experiência de consumo*

No que respeita à primeira experiência de consumo, constatámos que a *droga* referida por todos os sujeitos é o haxixe, as *pessoas com quem consumiram* foram os amigos, e fizeram-no em *período* de férias, quase sempre antes da entrada para a universidade (“a primeira vez foi nas férias, estava mais ou menos no 10º ano de escolaridade... e estava um amigo meu a fumar um charro e eu cheguei à beira dele e perguntei se podia experimentar e ele disse podes, e depois experimentei”; “a primeira vez que consumi foi haxixe numas férias da Páscoa, no 12º ano, com os amigos”; “a primeira vez foi num festival de verão...foi com o meu irmão e mais um amigo...foi haxixe...tinha dezassete anos”). Como *motivos/razões* para o primeiro consumo sobressaiu do discurso dos sujeitos a *curiosidade* (“... curiosidade... eu ouvia falar e dizia eu vou experimentar”, “curiosidade, acho que foi mesmo curiosidade”); *o convívio/os amigos já terem consumido* (“... tinha amigos meus que já tinham experimentado e fumavam algumas vezes”, “... gostava da envolvência que aquilo tudo trazia... e a maior parte dos meus amigos já consumiam... já toda a gente fumava”, “uma questão de convívio ou de entrar no sistema); *estar deprimido/desmotivado* (“... foi numa altura em que andava desmotivado, não tinha objectivos na vida”, “... eu era muito infeliz”); e *sem nenhum motivo em concreto* (“calhou”, “... nenhuma, foi o acto”).

### *Consumo actual*

A *caracterização dos consumos* actuais dos sujeitos foi descrita como *ocasional* (“... eu de vez em quando saio e consumo drogas”); *regular* (“... no início era só em momentos especiais... depois passado meio ano começou a ser aos fins de semana... e agora, às vezes, este ano, fumo também com o pessoal da Universidade durante a semana”); e *não dependente* (“... eu passo dois dias sem fumar tabaco e já sinto necessidade de fumar um cigarro... o cannabis e o charro isso não”, “... eu não me sinto mal, não sou dependente”).

Os aspectos salientados como *motivos/razões para o consumo* actual foram o *prazer/bem-estar que propicia* (“a erva faz-me sentir mesmo bem”, “... o bem-estar... a sensação que temos em nós próprios”); *não ter efeitos negativos* (“... continuo a consumir porque não tem efeitos negativos”); e *para estar em convívio com os amigos* (“... há uma grande socialização, há uma empatia muito grande entre as pessoas que consomem haxixe”, “... uma forma de conviver...”).

Relativamente ao *contexto* de ocorrência dos consumos, verificámos que as situações relatadas pelos sujeitos ocorrem sobretudo *com os amigos* (“... com o grupo de amigos”, “... estava com um amigo meu...”); em *festivals/acampamentos* (“principalmente em acampamentos”); *festas* (“... porque não queria exagerar e foi nessa festa privada”); *saídas à noite* (“... quando saio à noite consumo... vamos a uma discoteca e aí costumamos consumir”); e *sozinho em casa* (“... consumia principalmente sozinho em casa”).

### *Sensações propiciadas pelo consumo*

Na análise das sensações referidas pelos sujeitos como sendo propiciadas pelos consumos, constatamos que estes indicavam aspectos relativos ao consumo em geral e, mais concretamente, em relação ao haxixe e ao ecstasy.

Assim, quanto ao *consumo em geral*, encontramos uma variedade de sensações positivas que os sujeitos identificam para descrever o estado associado à experimentação no momento. Referiram-se, assim, a uma *maior extroversão* (“... uma forma de conviver, de me tornar mais desinibido”); ao *bem-estar físico geral* (“... a sensação era boa...a sensação era boa”); e à *boa disposição* (“... pôs-me risonho, alegre, pôs-me risonho”, “... fico bem disposto”). Relativamente às sensações propiciadas pelo *haxixe*,

destacou-se o *sono/“anestesia”* (“... o haxixe já me pôs com vontade de dormir”, “Quando consumia haxixe sentia-me estúpido, ficava assim um bocado morto”). O *ecstasy* é referenciado como desencadeando algumas sensações, como *euforia* (“Eufórico, sempre pronto para fazer qualquer coisa...tinha que estar sempre a fazer alguma coisa porque senão não me sentia bem... e sempre contente, sempre a querer ouvir música, é um efeito completamente diferente”); e *sentir a cabeça pesada* (“... mas no dia seguinte não gostei porque senti a cabeça muito pesada”).

### *Transformações no consumo*

Na tentativa de compreensão dos significados que sustentam possíveis transformações nos consumos destes sujeitos, quer em termos passados, quer em termos presentes e futuros, pudemos constatar que estes identificaram motivos para não ter consumido outras substâncias e motivos para fazer algumas reduções nos consumos já realizados noutros momentos.

Assim, nos motivos para não ter consumido outras drogas, encontramos o *medo da dependência* (“não está nos meus planos evoluir, acho que posso evitar isso, por isso se eu evitar melhor... se o cannabis e o haxixe não me causaram dependência, também não me vou meter em algo que me cause dependência”; “Eu sabia perfeitamente o que ia acontecer. Ia gostar muito. Ia experimentar a segunda vez e ia experimentar a terceira. E quando desse por ela já estava a rressacar em casa. Tinha perfeita consciência disso, por isso, é que não experimentei, não é, havia o receio da dependência”); *sentir-se bem com o consumo actual* (“Nunca senti interesse em consumi-las porque nós, ao consumirmos, a minha ideia era para eu me sentir um bocadinho melhor. E senti. Então, não tinha necessidade de ir mais além, eu estava naquele estado e OK, eu estou bem”); e *sentir que não estaria a agir correctamente em relação à família e sociedade* (“... se já consumo isto e, para mim, já me faz muita espécie consumir. Porque sempre tive uma educação dentro do conservador... e eu já saber que, de facto, eu não estaria a proceder correctamente em relação aos meus pais e também à sociedade”).

Refira-se que, de modo geral, o medo da dependência foi o motivo salientado por mais sujeitos num maior número de situações.

Quanto aos *motivos para ter reduzido*, foram realçados pelos sujeitos o *sentir efeitos indesejáveis* (“mas cortei porque começa a afectar muito a capacidade de memorização. E isso ninguém diga que não, porque é verdade”), e o *questionamento acerca do consumo* (“é do género, sei lá, porque é que estou a fumar isto? Basta o exemplo das pessoas que fumavam um, dois, três e já estavam completamente fora, e ia fumar o quarto. Então para é que ia fumar o quinto e o sexto? Pronto foi um bocado isso. Então comecei a pensar isto não me trás nada de novo”).

### Acesso

Quando os sujeitos são questionados relativamente a como é que *adquirem a droga*, a maioria mencionou que *compra a amigos ou pessoas conhecidas* (“... compro a pessoas conhecidas, em conjunto com os meus colegas”; “... é sempre através de amigos, os amigos é que têm os contactos”). Pudemos ainda constatar que também grande parte dos sujeitos afirmou que *não quer contactar com vendedores* (“... porque não gosto nada de vendedores, é perigoso... prefiro dar o dinheiro a alguém que faço o favor de me arranjar... pode aparecer alguém conhecido... pode aparecer principalmente a polícia... eu prefiro manter-me longe”).

Verificamos, também, que, relativamente à ideia que os entrevistados têm da *percepção do acesso a substâncias ilícitas* (i.e., se são de fácil aquisição ou não), se pode constatar que *a erva é difícil* (“... a erva é muito difícil de arranjar... não é em qualquer altura do ano que se arranja”); *os cogumelos são difíceis* (“... uma coisa que gostava de experimentar era cogumelos alucinogéneos... mas é muito difícil de arranjar”); e o *haxixe muito fácil* (“... hoje em dia o haxixe é muito divulgado... há em todo lado”).

### Discurso Social

Da análise da percepção dos sujeitos, relativamente a cada tipo de substância ilícita, pudemos constatar que esta percepção surge associada sobretudo a uma caracterização dos riscos, consequências ou efeitos que as mesmas possam, segundo os entrevistados, desencadear. Assim, tivemos em conta as respostas dos sujeitos, em relação a cada tipo de substância.

### Percepção das consequências/riscos das drogas

O *haxixe* foi encarado como *viciando psicologicamente* (“Tenho colegas meus viciados em haxixe. É impossível o haxixe viciar fisicamente? Sim é, mas psicologicamente não”). Foi também visto como algo que *não faz mal/não é um vício físico* (“... e acho que não havia problema sobre o cannabis e o haxixe”). E ainda como uma droga que pode *provocar alucinações e problemas de memória* (“... começa a afectar muito a capacidade de memorização”, “... depois há uma degradação mental... lapsos de memória”). Relativamente à *marijuana/erva*, foi descrita como uma substância que *não faz mal* (“Fumar um bocadinho de erva, de vez em quando, não faz mal nenhum”); e como sendo *natural* (“... é natural”).

Quanto à *heroína*, constatamos que esta é vista como desencadeando *dependência física* (“... e depois é uma droga muito adictiva, que provoca síndrome de abstinência”), mas também é assinalada como uma droga que pode *provocar degradação do indivíduo* (“Acho que é uma coisa muito perigosa, porque destrói, e eu vejo casos de pessoas que estão totalmente destruídas por causa da heroína”). Os indivíduos consumidores de heroína são vistos como *sujeitos que não têm prazer no consumo* (“... porque a maior parte dos toxicodependentes viciados em heroína estão-se a lamentar da vida... eles detestam ter que fumar... já não lhes causa moca nenhuma”).

Verificamos que a *cocaína* é encarada como uma droga *muito boa* (“A cocaína é bom, pelo que dizem é maravilhoso”); como uma substância que *provoca dependência física e psicológica* (“... é mesmo dependência em si que provoca”, “... a cocaína causa mais dependência psicológica”); e, por último, como sendo *muito cara* (“... só que é um vício muito caro”).

As *pastilhas/ecstasy* são drogas associadas principalmente aos *jovens* (“... hoje em dia os putos andam a meter pastilhas”). São descritas como algo que *altera o metabolismo e o sistema nervoso* (“... por um lado aumenta o nosso metabolismo, a nossa ansiedade, o aumento do ritmo cardíaco”, “... está provado que uma pastilha come o cérebro durante seis meses”). Estas drogas são também descritas como *provocando dependência física* (“... traz dependência física total”, “Há cada vez mais uma dependência maior porque toda a gente começa por meia

pastilha ou um quarto"); e muito *ligadas à música de dança* ("... tomar ecstasy para estar uma tarde numa discoteca ou quarenta e oito horas numa discoteca sempre a curtir pum, pum, pum").

Por fim, os "*cogumelos mágicos*" são considerados *alucinogéneos* ("É completamente alucinogéneo. Uma pessoa está a olhar para uma coisa e está a ver outra completamente diferente"); e *algo natural que não traz malefícios* ("É uma coisa que eu gostava de experimentar porque é natural e acho que não traz assim tantos malefícios...").

### *Drogas e os "outros"*

Da análise das posições dos sujeitos relativamente aos "outros" que consomem, pudemos encontrar referências, no seu discurso, aos motivos/razões que pensam levar as outras pessoas a consumir e, ainda, à percepção que têm do consumo no meio universitário do Minho.

Deste modo, no que diz respeito aos *motivos/razões que levam outras pessoas a consumir*, foi possível identificar diversas posições. A quase totalidade dos sujeitos salienta que as *características da pessoa* são um factor explicativo do consumo ("... depende muito de pessoa para pessoa. Há aquele indivíduo que consegue consumir esporadicamente, até mesmo a heroína... na minha opinião acho que deve haver uma predisposição genética, há pessoas que têm mais facilidade", "... aquelas pessoas que são mais vulneráveis a adquirir alguns vícios"). O ter ocorrido algum *acontecimento negativo na vida* é também encarado como uma razão para "os outros" consumirem drogas ("... mas na maior parte das pessoas há sempre um momento crucial. Aconteceu alguma coisa de novo, ou morreu-lhes um familiar, ou foram despedidos no trabalho. Pelo menos são as desculpas que arranjam sempre").

São também enunciados outros motivos como a *curiosidade* ("... acho que no geral o que leva as pessoas a entrar em consumos é a curiosidade...acho que é basicamente a curiosidade"), a *procura de novas sensações* ("... enfim, é experimentar a sensação, não conhecem e querem experimentar uma nova sensação"), o *bem-estar que propicia* o consumo ("... mas aquilo deve ser bom... e as pessoas devem gostar à primeira vez que experimentam"). Os entrevistados afirmam, também, que, muitas vezes, o que leva as pessoas a continuarem a consumir é o facto de

a droga que habitualmente consomem deixar de fazer efeito (ideias de tolerância e de escalada), pelo que têm que procurar uma nova para experienciar a mesma sensação ("... depois chega a um ponto que faz um e já não bate. E faz outro e já não bate. E faz outro e não bate, e faz outro e não bate. E, depois, isto já não bate, o que é isto? E, no outro dia, torna a não bater... mas chega a um ponto em que não bate mesmo. E, depois, procuram outras coisas"). Por fim, pudemos ainda verificar que alguns dos entrevistados enunciam como razões para o consumo das outras pessoas a *influência dos amigos* ("... actualmente as pessoas só se metem por influência de pessoas importantes na sua vida..."), o *incentivo dos dealers* ("Normalmente, quem vende haxixe e cannabis consome outro tipo de drogas, a cocaína ou a heroína. E, ao andarem familiarizados com esse tipo de pessoas, podem ser influenciados a experimentar outro tipo de drogas"), e, por último, a *falta de informação* ("... porque acho que a informação acerca das drogas é muito má. Há pouca informação acerca das drogas").

Relativamente à *percepção dos consumos nos estudantes da Universidade do Minho*, verificamos que os entrevistados organizam esses consumos em quatro subcategorias: consideram que é *raro o consumo de heroína* e também *raro o de cocaína* ("... bem eu nunca tive conhecimento, mas acho que é um bocado difícil consumir heroína e cocaína, que causam dependência e todos os problemas que acarretam, destruição de células e neurónios e andar a estudar"); afirmam que existe consumo de *muita pastilha/ecstasy* ("... muita pastilha", "... mas cada vez há mais pessoas, e isso entristece-me um bocado, pessoas mais novas do que eu e mesmo da minha idade, consomem, e consomem muito ecstasy, sobretudo... Pronto, consomem haxixe, mas, por exemplo, eu vou a uma festa e, se calhar, fumo um charro, e esses meus colegas vão a uma festa e metem uma, duas, três pastilhas"); e também *muitas drogas leves* (haxixe, marijuana) ("... principalmente drogas leves...as drogas leves é o prato do dia. Acho que não há ninguém na universidade que nunca tenha experimentado").

### *Droga e sociedade*

Ao explorarmos, na entrevista, as ideias que os sujeitos



possuíam relativamente ao fenómeno droga, nos seus contornos sócio-culturais e políticos, notamos que estes desenvolviam o seu discurso em torno de três grandes temas: as questões sócio-culturais da droga; a proposta de medidas de resolução do problema, quando assim era designado e, por último, a medida política da liberalização. Passamos, de seguida, a expor os diferentes temas que emergiram em torno destas temáticas.

Focando a nossa atenção na *visão sócio-cultural da droga*, apercebemo-nos que o consumo de drogas é encarado como algo que *existe em todas as classes sociais* ("Penso que o nível sócio-cultural não determina nada porque conheço pessoas com um nível sócio-cultural bastante elevado e que consomem haxixe, cannabis, pastilhas. E sei de muita gente que vem de estratos sociais inferiores que nunca experimentaram e nem têm intenção de experimentar... o estrato social não tem nada a ver"). Além disso o consumo de drogas é definido como um *acto cultural* ("... se eu fosse político não cairia na utopia de eliminar as drogas de vez. É impossível. Porque isso é uma cultura que se estabeleceu. É quase como beber um copo de vinho ou comer um gelado no Verão. Acho que está tão interiorizado que é impossível"). Por outro lado, a droga é associada, frequentemente, ao crime, a *actos criminosos* ("Já vi casos, rapazes, raparigas, pouco mais velhos que eu na altura, desesperados, a arranjar um dinheirinho qualquer para poder ir comprar doses. Isso afligiu-me muito... porque muitos deles nem sequer terem dinheiro e terem que arranjar meios ilícitos de arranjar dinheiro para comprar a dose"), e a algo que *afecta o funcionamento das pessoas* ("... porque a droga é um problema bastante grande da sociedade... porque afecta, sei lá, isto é de ter visto muitas coisas. Pessoas a ficarem dependentes. Mas afecta bastante a forma de actuar da pessoa. O próprio equilíbrio da sociedade... trás muito problemas à sociedade e aos indivíduos em particular").

Tal como já mencionamos, ao longo das entrevistas os estudantes foram tecendo considerações relativas a possíveis formas de actuar que poderiam *resolver alguns dos problemas associados à droga* que eles próprios identificam. Deste modo, uma das posições defendidas afirma que as *instituições (governo e polícia) deveriam participar* mais e ter um papel mais activo na resolução do

problema ("... muitos polícias sabem quem vende e onde encontrar a droga e não fazem nada, não actuam"). Por outro lado, assumem também a necessidade de *construção de casas especializadas de apoio para os toxicodependentes* ("... talvez a criação daquelas casas mesmo especializadas de apoio. Onde eles pudessem drogar-se em condições de higiene...onde tivessem apoio de psicólogos, médicos"), bem como um *investimento maior na prevenção* ("Na minha opinião, é mais importante uma maior prevenção"). Os sujeitos referem, ainda, que poderia ajudar a diminuição de consumos se os pais promovessem uma *educação mais dialogante* com os filhos ("... e parece que não mas, a educação que nós recebemos leva-nos a ser muito restritos no que diz respeito às drogas); e, também, que seria um factor protector relativamente ao consumo, as *próprias pessoas que consomem drogas terem maior força interior/auto-estima* ("... é muito importante as pessoas terem mais auto-estima, acho que a auto-estima é um factor preponderante").

Ao terminarmos a entrevista, procuramos junto dos sujeitos identificar a sua perspectiva relativamente à *liberalização* dos consumos, já que esta era, na altura, um tema bastante debatido nos vários quadrantes sociais. Assim, constatamos que, quatro dos sujeitos entrevistados neste grupo são a favor da liberalização do consumo de drogas, sendo que dois são contra. Estes últimos defendem que, *com a liberalização, o consumo iria aumentar* ("Eu sou contra a legalização. Até agora, daquilo que eu tenho reflectido tudo me leva a crer se continuar a droga a não ser legalizada é mais fácil para a combater, eu penso assim. Primeiro porque não há tanta gente a ter acesso às drogas. Por exemplo veja-se o que aconteceu com o tabaco, cada vez mais gente fuma desde que passou a ser mais fácil a compra... Agora, fumar livremente pode ser uma maneira de aumentar o consumo").

Pelo contrário, alguns dos indivíduos que referem ser a favor da liberalização do consumo, argumentam que *o consumo ou diminuiria, ou, então, pelo menos, não aumentava* ("Eu acho que todas as drogas deviam ser legalizadas. Porque sinceramente acho que ia diminuir o consumo. Costuma-se dizer que o fruto proibido é o mais apetecido"; "Eu acho que se o consumo fosse liberalizado não havia mais pessoas a consumir mas sim mais liberdade

no consumo”). Além disso, afirmam que *haveria mais informação sobre as substâncias ilícitas* (“... outra das vantagens da legalização é o facto de poder haver mais informação”). Curiosamente, um dos sujeitos contra esta medida, tal como outros a favor da mesma, argumentam que a liberalização traria uma *maior segurança nos consumos, diminuía o tráfico e diminuía a discriminação dos toxicodependentes* (“... permitia acabar com o tráfico de droga, principalmente. Haviam sítios onde se pudesse consumir em segurança, e não havia aquela coisa que há na minha terra, fala-se que aquele anda metido na droga”). O grupo de estudantes que havia feito, apenas, uma experiência de consumo de haxixe, não continuada, apresenta, em algumas destas dimensões, uma posição e significados diferentes. Apresentamos alguns:

Na exploração dos *motivos/razões que levaram os sujeitos a consumir haxixe*, foi possível constatar que estes descrevem vários motivos e significados. Assim, os principais motivos enunciados foram a *influência dos amigos*, o facto de estes já terem consumido (“... surgiu a oportunidade. Só fumei cannabis porque me facultaram naquele momento e não foi aquela pessoa que eu não conhecia de lado nenhum. Eu morava com ela”; “... o que realmente me levou a consumir foi a influência...”); o querer *explorar novas sensações* (“... eu queria aproveitar ao máximo a queima. Queria ter muitas sensações. Aquilo era uma coisa nova para mim, era mesmo isso... explorar”) e, ainda, a *curiosidade* (“... pensava: um dia quero experimentar haxixe para ver um bocado como é, que estado de consciência irei ter”).

Ao tentarmos perceber os *contextos* em que ocorreu o consumo dos entrevistados que experimentaram haxixe, foi possível constatar que estes referiram: com os *amigos* – “a primeira vez que eu experimentei foi num trabalho de grupo. Estava eu e mais três colegas”; e, numa *saída à noite* – “... e uma vez ela estava a fazer e eu entrei no quarto sem quere... e depois via a fazer aquilo e nessa noite por acaso saímos todos. Ela começou a fumar e eu dei uma passa”.

Ainda em relação ao grupo que experimentou, foram referidas algumas *sensações propiciadas pelo consumo*: quase todas elas *remetendo para estados de consciência alterados* (“... mas sentir o fumo na boca e aquele gás estar em contacto com as papilas, torna uma sensação

estranha...eu sentia-me... foi uma sensação completamente diferente”; “... e fiquei assim num estado de consciência alterado”).

Durante a entrevista, questionamos o grupo que experimentou haxixe acerca de *porque é que só consumiu quando já frequentava a universidade*. Os elementos deste grupo, perante esta questão, afirmaram que só o fizeram nesse momento porque, só nesta fase da sua vida *tiveram mais oportunidade de sair à noite* (“Cá as coisas começaram-se a relativizar mais e é por isso que surgiu a oportunidade. Até porque saio à noite e saio com muito mais gente. Lá eu não saía à noite. Não havia tantas oportunidades”).

Quanto ao grupo não consumidor, pudemos apenas retirar do seu discurso algumas ideias em torno do seu *conhecimento sobre as drogas*. Deste modo, os sujeitos referem que *têm pouca informação sobre as drogas* (“... aquilo que eu mais sinto é falta de informação”), que tentaram procurar *informação nos livros* (“Eu li o livro os filhos da droga e gostei imenso... mas gostei de ler o livro e como é o relato de uma história verídica ou factos que foram contados pela pessoa, pela personagem. Acho que me deparei com muitas coisas que não tinha a noção que poderiam acontecer como efeito da droga”) e nos *media* (“... sei de ouvir mais pela televisão”). Foi, ainda, mencionado que os *amigos* também foram uma fonte de obtenção de informação.

No que diz respeito à percepção que os sujeitos dos dois grupos têm sobre *porque é não consumiram outras drogas até ao momento* (no caso do grupo não experimentador a questão colocada foi “porque é que não consumiu até ao momento”), foi possível constatar vários argumentos. Alguns sujeitos, referem a *falta de curiosidade* (“Já me convidaram só que é uma coisa que não me cativa minimamente... acho que se não se sente vontade ou se não me cativa minimamente experimentar não vejo porque fazê-lo”); questões relativas à *educação que teve* (“Eu acho que é por causa da educação que eu tenho, de certeza absoluta”); e, ainda, *terem amigos que não consomem* (“... porque o grupo de pessoas com quem me relaciono também não consome”). Determinante parece ser, também, o facto de verem a *droga como algo que faz mal* (“Sempre tive noção de que não era nada benéfico”), tal como o pensar que *esses consumos não iriam trazer nada de novo* (“... nunca pensei que aquilo

pudesse trazer algum acréscimo”); e *ter medo da dependência* (“Porque receio ficar dependente. Temos de ser táticos. Tenho um bocado de receio”).

Muito embora tivéssemos considerado, inicialmente, a existência de três grupos de sujeitos (consumidores, experimentadores e não consumidores), acabamos por proceder, na fase final da análise, à sua redução a apenas dois grupos: consumidor e não consumidor. A junção da análise do discurso de experimentadores e não consumidores num só grupo resultou de duas constatações empíricas: apesar de, numa fase inicial, estes dados terem

sido analisados separadamente, quando tentámos interpretá-los, concluímos que o discurso destes dois grupos era bastante próximo. Para além disso, os indivíduos experimentadores de haxixe revelaram-se experiencialmente mais próximos do grupo não consumidor do que do grupo consumidor, visto que os consumos realizados se restringiram apenas a um momento, não se verificando qualquer repetição dos mesmos.

De seguida apresentamos um quadro-síntese das principais diferenças encontradas nas narrativas destes dois grandes subgrupos de estudantes.

Quadro 1 – Contrastação entre o discurso do grupo consumidor e o do grupo não consumidor			
	Temas narrativos	Grupo Consumidor	Grupo não consumidor
Discurso Individual	Experiência com droga	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Consumo de haxixe, erva e ecstasy;</li> <li>– <i>Contexto</i>: antes da entrada na universidade;</li> <li>– <i>Sensações no consumo</i>: maior socialização e bem estar geral.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Consumo de haxixe, apenas dois sujeitos experimentaram;</li> <li>– <i>Contexto</i>: depois da entrada na universidade;</li> <li>– <i>Sensações no consumo</i>: sensação diferente, estado alterado.</li> </ul>
	Evoluções/transformações no consumo	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Motivos do consumo</i>: prazer, convívio com amigos;</li> <li>– <i>Motivos para não ter consumido outras drogas</i>: medo da dependência.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Motivos do consumo dos “outros”</i>: Explorar novas sensações;</li> <li>– <i>Motivos para não ter consumido</i>: os amigos não consumir, porque faz mal.</li> </ul>
Discurso Social	Percepção de riscos/ consequências das drogas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Haxixe</i>: pode provocar problemas de memória/alucinações;</li> <li>– <i>Heroína</i>: Provoca dependência física;</li> <li>– <i>Cocaína</i>: droga boa e cara; provoca dependência psicológica e física;</li> <li>– <i>Pastilhas</i>: alteram o metabolismo; provocam dependência física;</li> <li>– <i>Cogumelos</i>: naturais; não faz mal;</li> <li>– Referem a erva: natural; não faz mal.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Haxixe</i>: semelhante ao tabaco;</li> <li>– <i>Pastilhas</i>: têm químicos;</li> <li>– <i>Cogumelos</i>: pesados, prejudiciais;</li> <li>– Referem o álcool, tabaco e caféina como drogas mais leves, socialmente bem aceites.</li> </ul>
	Droga(s) e dependência(s)	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Droga</i>: prejudica a saúde</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Droga</i>: usada para fins medicinais;</li> <li>– <i>Tipos de drogas</i>: leves (é por elas que se começa) e duras (associadas à dependência)</li> </ul>
	Droga(s) e “os outros”	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>O que leva os outros a consumir</i>: curiosidade; procura de novas sensações e incentivo dos <i>dealers</i>; a droga deixa de fazer efeito – efeito de escalada para outros consumos;</li> <li>– <i>Estudantes do Minho</i>: é raro o consumo de heroína e cocaína; muito consumo de ecstasy e pastilhas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>O que leva os outros a consumir</i>: ambiente sócio-cultural de onde vêm; contrariar as ideias estabelecidas na sociedade;</li> <li>– <i>Estudantes do Minho</i>: não sabem; referem que as pessoas não falam acerca do assunto com eles; acham que a maioria dos estudantes não consome.</li> </ul>
	Droga e sociedade	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Visão sócio-cultural</i>: atinge todas as classes sociais; é um acto cultural;</li> <li>– <i>Resolução do Problema</i>: maior envolvimento da política e da polícia; construção de casas especializadas de apoio; as pessoas terem mais auto-estima/força interior;</li> <li>– <i>Liberalização</i>: diminuição da discriminação do toxicodependente; maior informação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– <i>Visão sócio-cultural</i>: está ligada a determinados ambientes; as pessoas têm falta de informação;</li> <li>– <i>Resolução do Problema</i>: mais informação às pessoas;</li> <li>– <i>Liberalização</i>: tem vantagens e desvantagens; tornava mais claro algo que, assim, não o é.</li> </ul>

Assim, e no que se refere à contrastação dos discursos entre os dois grupos, é possível identificar a produção de significados diferentes, a nível de diferentes temas narrativos: experiência com a droga, percursos dos consumos, percepção dos riscos, definição de droga e de dependência, e visão sócio-cultural do fenómeno droga. Estas diferenças são mais destacadas no que diz respeito à construção de significados para os consumos em si, podendo-se verificar que o elemento determinante nessa

diferenciação é a experiência individual (atrás caracterizada, em muitas destas dimensões), associada a diferentes percursos de vida destes estudantes.

Paralelamente, há temas e significados que foram referidos por uma maioria de elementos de cada um dos grupos. No quadro que se segue apresentamos, em síntese, a estrutura discursiva global dos estudantes em relação aos usos de drogas e à(s) toxicodependência(s).

Quadro 2 – Semelhanças no discurso do grupo consumidor e do grupo não consumidor		
	<i>Temas narrativos</i>	<i>Grupo Total</i>
<i>Discurso Individual</i>	<b>Experiência com droga</b>	– <i>Contextos de experiência</i> : amigos
	<b>Evoluções/transformações no consumo</b>	– <i>Motivos de consumo</i> : os amigos já tinham consumido; curiosidade; – <i>Motivos para não ter consumido outras drogas ou não ter nunca consumido</i> : educação que teve; não sentir necessidade; não ir trazer nada de novo; os efeitos negativos da droga/faz mal.
<i>Discurso Social</i>	<b>Percepção de riscos/ consequências das drogas</b>	– <i>Haxixe</i> : é visto como uma droga que não gera tanta dependência, em que as pessoas têm maior controlo; – <i>Heroína</i> : provoca a degradação do indivíduo; – <i>Pastilhas</i> : associadas à música/discotecas.
	<b>Droga(s) e dependência(s)</b>	– <i>Droga</i> : tudo que provoca alteração no organismo e causa dependência; – <i>Tipos de drogas</i> : drogas leves (não causam tanta dependência) e duras (causam mais dependência e são mais prejudiciais); – <i>Dependência</i> : necessitar de algo; acarreta consequências negativas para a pessoa.
	<b>Droga(s) e “os outros”</b>	– <i>O que é que leva os outros a consumir</i> : características da pessoa; acontecimentos negativos na vida da pessoa; prazer/bem estar; falta de informação; influência dos amigos; – <i>Estudantes da Universidade do Minho</i> : consumo de drogas leves (haxixe, marijuana).
	<b>Droga e sociedade</b>	– <i>Visão sócio-cultural</i> : Droga ligada ao crime; afecta o funcionamento das pessoas; – <i>Resolução do problema</i> : prevenção; – <i>Liberalização</i> : aumentava o consumo; diminuição do consumo; diminuição do tráfico e da criminalidade: mais segurança nos consumos.

O discurso *de grupo* constrói a droga como tudo que provoca alteração no organismo e dependência, dividindo-as em drogas leves e duras, sendo estas últimas encaradas como as que causam mais dependência. O Haxixe/Marijuana são encarados como drogas em relação às quais as pessoas podem ter mais controlo, a heroína como uma droga que destrói a pessoa, e as pastilhas/ecstasy como drogas características de determinados ambientes de dança. Este é um discurso consonante com o discurso social dominante, actualmente, na nossa como na generalidade dos países europeus.

Como motivos para a ocorrência dos consumos de drogas, os sujeitos apontam a influência de amigos, as características internas da pessoa e a falta de informação. O discurso deste grupo constrói, ainda, uma associação entre o fenómeno droga e o crime, considerando o uso de drogas como algo que afecta negativamente o funcionamento das pessoas. Podemos constatar que, em termos gerais, se verifica uma construção narrativa de significados enraizada no actual contexto sócio-cultural e histórico e na discursividade social dominante.

À luz dos modelos narrativos, dir-se-ia que as narrativas

construídas para dar sentido à vida podem ser continuamente reconstruídas, de acordo com as experiências por que passamos. Não concebemos a nossa acção vazia de significado. Assim, perante determinado acontecimento (pessoal e/ou social), somos levados a reinterpretar sucessivamente a realidade, na busca de uma mais completa e congruente compreensão subjectiva desse acontecimento mas numa estreita ligação com os significados sociais e culturais dominantes.

Como diria Gonçalves (2000, p. 22): “as boas histórias encerram sempre um elevado grau de ambiguidade e incerteza e são precisamente estas condições que constituem espaço para a construção criativa do leitor, para a sua errância pelo mundo do conhecimento, deambulando como um cavaleiro andante na exploração da existência” A experiência da droga não será, nisto, diferente. E a história desta investigação seguramente que também não. Deixemos, então, em aberto diferentes leituras e percursos possíveis...

#### Contactos

carlafonte@portugalmail.pt.

celina@psi.up.pt.

#### NOTAS

(\*) Psicóloga. Serviço de Consulta Psicológica e Desenvolvimento Humano da Universidade do Minho (SCPDH-UM).

(\*\*) Psicóloga. Docente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.

(1) Dissertação de candidatura ao grau de Mestre (em Psicologia do Comportamento Desviante – Toxic dependências) pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação do Porto, apresentada pela Dra. Carla Fonte, orientada pela Doutora Celina Manita.

(2) Os dados resultantes do primeiro estudo, sobre a natureza, extensão e características do uso de álcool e outras drogas em alunos da Universidade do Minho, podem ser consultados em Fonte (2003) ou num artigo das mesmas autora a publicar brevemente.

(3) A construção deste questionário obedeceu a critérios definidos por instâncias internacionais, integrando, nomeadamente, as propostas do *Comité sobre Epidemiologia das Drogas*, do *Grupo Pompidou Do Conselho da Europa* (Negreiros, 2001). Além disso, adopta um número significativo de propostas e recomendações associadas ao projecto *ESPAD (European School Survey Project on Alcohol and other Drugs)* e a outros organismos internacionais, como a *Organização Mundial de Saúde* (ibidem). Segundo o autor, estas propostas referem-se, particularmente, à adopção de uma metodologia comum e à definição de áreas específicas relativas à informação a obter sobre os padrões de consumo de álcool e drogas.

(4) Foram seleccionados apenas estudantes do 4º ano (o último ou penúltimo ano das licenciaturas existentes na UM), uma vez que um dos objectivos do estudo era identificar o impacto que a frequência da universidade teria no início, manutenção ou cessação dos consumos de drogas.

(5) A investigação qualitativa é definida por Strauss e Corbin (1990) como um tipo de investigação que produz resultados não atingíveis através de procedimentos estatísticos ou outros meios de quantificação, mas derivados dos dados recolhidos por um procedimento interpretativo que constitui um processo de análise não matemática.

(6) Para a constituição da amostra, foi elaborado um breve questionário inicial de perguntas fechadas. Este questionário foi respondido por alunos de 4 licenciaturas da Universidade do Minho e tinha como único objectivo identificar participantes para as entrevistas individuais do estudo. Foi questionado um total de 90 sujeitos e, posteriormente, foram contactadas as pessoas que se haviam mostrado disponíveis para uma entrevista individual, mais aprofundada, tendo para isso cedido o seu contacto pessoal.

(7) Os sujeitos não consumidores foram também contactados através dos dados obtidos no referido questionário. Os sujeitos experimentadores foram conseguidos através de contactos que os sujeitos consumidores deram à equipa de investigação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agra, C. M. (1986). "Adolescência, comportamento desviante e auto-organizado: modelo de psicologia epistemanalítica". *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 81-87.
- Agra, C. (1990). *Sujet autopoïétique et transgression*. In *Acteur social et délinquance – homage à Christian Debuyst*. Bruxelles: Pierre Mardaga, (Ed.).
- Agra, C. M. (1991). *Sujet autopoïétique et toxicodépendance*. Comunicação apresentada no *Centre International de Criminologie Comparée*, Universidade de Montreal, Canadá (documento policopiado).
- Agra, C. M. & Fernandes, J. L. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In C. Agra (Coord.), *Dizer a Droga, Ouvir as Drogas*. Porto: Radicário.
- Agra, C. M. & Matos, P. (1996). *Trajectórias desviantes. Projecto Droga-Crime: Estudos Interdisciplinares – Vol XIV*. Lisboa: GPCCD/Ministério da Justiça.
- Fernandes, E. (2001). *Encontro de Narrativas Terapêuticas*. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor. Braga: Universidade do Minho.
- Gergen, K. J. & Gergen, M. M. (1986). Narrative form and the construction of psychological science. In Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: the storied nature of conduct* (pp. 3-21). New York: Praeger.
- Glaser, B. & Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Aldine de Gruyter: New York.
- Gonçalves, O. (2000). *Viver narrativamente: a psicoterapia como adjetivação da experiência*. Coimbra: Quarteto.
- Huberman, A. & Miles, M. (1994). Data management and analysis methods. In N.K. Denzin & Y.S. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 428-444). London: Sage.
- Manita, C.; Negreiros, J. & Agra, C. (1996). "Determinações e Significações na relação droga-crime". *Droga-Crime: Estudos Interdisciplinares – Vol XI*. Lisboa: GPCCD/Ministério da Justiça.
- Manita, C. (1998). *Auto-organização psicológica e transgressão. Análise empírico-crítica de duas figuras do comportamento desviante: criminosos e consumidores de drogas*. Dissertação de candidatura ao grau de Doutor. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Manita, C. (2000). "Das descobertas privadas aos crimes públicos: evolução dos significados em *trajectórias de droga-crime*". *Toxicoddependências*, 6 (2): 17-31.
- Manita, C. (2001). "Evolução das significações em trajectórias de droga-crime (II): Novos sentidos para a intervenção psicológica com toxicoddependentes?". *Toxicoddependências*, 7 (3): 59-71.
- Morse, J. (1994). Designing Funded Qualitative Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.). *Handbook of qualitative research* (pp. 220-235). London: Sage.
- Negreiros, J. N. (2001). *Padrões e consequências do consumo de drogas em Matosinhos: resultados na população estudantil e em consumidores problemáticos*. Matosinhos: Câmara Municipal de Matosinhos.
- Negreiros, J. N. (2001). *Prevalências e padrões de consumo problemático de drogas em Portugal. Relatório anual – a situação do país em matéria de drogas e toxicoddependências*. Lisboa: IPDT.
- Polkinghorne, D. P. (1988). *Narrative psychology*. Albany, New York: Suny Press.
- Rennie, D; Phillips, J. R. & Quartaro, G. K. (1988). "Grounded theory: A Promising Approach to Conceptualization in Psychology?". *Canadian Psychology*, 29, 139-150.
- Sarbin, T. R. (1986). The narrative as a root metaphor for psychology. In Sarbin (Ed.). *Narrative psychology: the storied nature of conduct* (pp. 3-21) New York: Praeger.
- Strauss, A. & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage Publications.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bruner, J. (1990). *Acts of meaning*. Cambridge: Harvard University Press.
- Fonte, C. M. (2003). *Consumos de álcool e drogas ilícitas em estudantes da Universidade do Minho: das estatísticas à construção narrativa de significados*. Dissertação de candidatura ao grau de Mestre, na área de especialização de Psicologia do Comportamento Desviante (Toxicoddependências). Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Gonçalves, O. (1996). *Cognição, narrativa e psicoterapia. Psicologia: teoria, investigação e prática*, 1, 2, 255-264.
- Olabuénaga, J. (1996). *Metodología de la investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto.